Quatro Horas em Chatila de Jean Genet tradução de Luiza Neto Jorge com um desenho de Jorge Pinheiro

JEAN GENET

Quatro Horas em Chatila de Jean Genet tradução de Luiza Neto Jorge com um desenho de Jorge Pinheiro

Desenho de Jorge Pinheiro

Jean Genet: Quatro Horas em Chatila

«Em Chatila, em Sabra, não-judeus massacraram outros não-judeus: o que é que nós temos a ver com isso?»

Menahem Begin (na Knesset)

Ninguém, nem nada, nenhuma técnica narrativa poderão descrever o que foram esses seis meses passados pelos feddayin nas montanhas de Jerash e de Ajlun, na Jordânia, sobretudo as primeiras semanas. Relatar os acontecimentos, estabelecer a cronologia, os êxitos e os erros da OLP, já outros o fizeram. O ar do tempo, a cor do céu, da terra e das árvores tudo isso pode ser descrito sem jamais dar a sentir a ligeira embriaguez, a caminhada acima do pó, o brilho do olhar, a transparência da relação existente não só entre os feddayin, mas entre eles e os chefes. Tudo, todos fremiam sob a copa das árvores, tudo ria e se maravilhava com essa vida tão nova para todos eles, e havia nesse frémito algo de estranhamento fixo, e emboscado, algo de reservado e protegido como alguém que reza sem palavras. Tudo era de todos. E cada um em si estava sozinho. Ou talvez não. Sorridentes e esgazeados, em suma. A região jordana onde, segundo uma escolha política, estavam acantonados, abrangia um perímetro que ia da fronteira síria até Salt, em comprimento, e era delimitada pelo Jordão e pela estrada de Jerash a

Irbid. Teria, assim, em extensão, os seus sessenta quilómetros, por uns vinte de profundidade, essa região muito montanhosa coberta de azinheiras, de pequenas aldeias jordanas e de parcas culturas. A coberto das matas e das tendas camufladas, tinham os feddayin disposto unidades combatentes e armas ligeiras e semipesadas. Uma vez disposta a artilharia, dirigida sobretudo contra eventuais operações jordanas, os jovens soldados ocupavam-se das armas, desmontavam-nas para as limpar e olear, e tornavam a montá-las a toda a pressa. Alguns conseguiam a façanha de desmontar e tornar a montar as armas com os olhos tapados, a fim de o poderem fazer de noite. Estabelecera-se, entre cada soldado e a sua arma, uma relação mágica e amorosa. Como os feddayin haviam saído há pouco da adolescência, a espingarda enquanto arma era sinal da virilidade triunfante, dava-lhes a certeza de serem. Desaparecia a agressividade: o sorriso mostrava os dentes.

No resto do tempo, os feddayin bebiam chá, criticavam os chefes e a gente rica, palestinianos e outros, insultavam Israel, mas sobretudo falavam da revolução, da que estava a ser feita e da que iam empreender.

A palavra «Palestinianos», esteja ela em título ou inserida no corpo de um artigo, ou num panfleto, — evoca-me logo os feddayin num lugar preciso — a Jordânia — e numa época facilmente datável: Outubro, Novembro e Dezembro de 1970, Janeiro, Fevereiro, Março, Abril de 1971. Foi nesse sítio e nessa altura que eu conheci a Revolução palestiniana. A extraordinária evidência do que estava a acontecer, a força dessa alegria de existir tem também o nome de beleza.

Passaram-se dez anos e eu deles nada mais soube, a não ser que estavam no Líbano, os feddayin. A imprensa europeia falava do povo palestiniano com desenvoltura, ou mesmo com desdém. E, de repente, Beirute Ocidental.

*

* *

Uma fotografia tem duas dimensões, o *écran* do televisor também, nem um nem outro podem ser percorridos. De um ao outro lado da rua, curvados ou arqueados, pés a empurrarem uma parede e a cabeça apoiada à parede da frente, os cadáveres negros e inchados por sobre os quais tinha de saltar eram, todos eles, palestinianos e libaneses. Para mim, como para o resto da população existente, a circulação em Chatila e em Sabra mais se parecia com o jogo do eixo. Às vezes até uma criança morta pode bloquear uma rua, de tão estreitas, delgadas, mesmo, que as ruas são, e tão numerosos os mortos. O cheiro delas deve ser familiar aos velhos: não me incomodava. Mas que mosquedo. Se levantava o lenço ou o jornal árabe poisado numa cabeça, importunava-as, às moscas. Furiosas com o gesto, caíam num enxame sobre as costas da minha mão, tentando aí alimentar-se. O primeiro cadáver que eu vi foi o de um homem dos seus cinquenta ou sessenta anos. Teria uma coroa de cabelos brancos se uma ferida (de uma machadada, pareceu-me) lhe não tivesse aberto o crânio. Parte dos miolos enegrecidos jazia no chão, ao lado da cabeça. Todo o corpo banhava num mar de sangue negro e coagulado. Tinha o cinto desapertado, as calças presas por um único botão. Pés e pernas do morto estavam nus, em negro, violeta e malva: talvez tivesse sido surpreendido de noite, ou talvez de madrugada. Iria a escapar-se? Estava estendido numa valeta logo ali à direita de quem entra no acampamento de Chatila, que fica em frente da Embaixada do Koweit. Terá o massacre de Chatila sido perpetrado por entre murmúrios ou num silêncio total? É que os israelitas, soldados e oficiais, pretendem nada ter

ouvido, nem de nada suspeitado, quando, desde quarta à tarde, ocupavam precisamente aquele edifício!

A fotografia não capta as moscas, nem o branco e espesso odor da morte. Como não fala dos saltos que a gente tem que dar ao passar de um para outro cadáver.

Dá-se um fenómeno curioso, quando se olha atentamente para um morto: a ausência de vida naquele corpo equivale à total ausência desse mesmo corpo, ou melhor, ao seu ininterrupto recuo. Sentimos que, ainda que nos aproximemos, nunca chegaremos a tocar-lhe. Isto se o contemplarmos. Mas se fizermos um gesto na sua direcção, nos baixarmos para ele, ou lhe movermos um braço, ou um dedo, aí o temos presente, quase amigável.

O amor e a morte. Ao escrever-se um, logo o outro termo se lhe associa. Foi preciso ir a Chatila para me aperceber da obscenidade do amor e da obscenidade da morte. Quer num, quer noutro caso, nada mais os corpos têm a esconder: poses, contorsões, gestos, sinais, silêncios, mesmo, fazem parte de um e de outro mundo. O corpo de um homem dos seus trinta a trinta e cinco anos estava deitado de barriga para baixo. Como se o corpo todo mais não fosse do que uma bexiga em forma de homem, assim ele inchara com o sol, e pela química da decomposição, ao ponto de arrepanhar as calças, quase a rebentarem nas pernas e no rabo. A única parcela do rosto que lhe consegui ver estava violeta e negra. Um pouco acima do joelho, a perna dobrada deixava à mostra uma chaga, sob o tecido rasgado. Origem dessa chaga: baioneta, faca, punhal? Moscas em cima e à roda da chaga. A cabeça do tamanho de uma melancia — uma melancia preta. Perguntei o nome dele, era muçulmano.

— Quem é?

— Palestiniano — respondeu-me em francês um indivíduo dos seus quarenta anos. — Veja só o que eles fizeram.

Puxou pela manta que tapava os pés e parte das pernas. Tinha a barriga das pernas nua, negra e inchada. Os pés, calçados de botinas pretas, desatacadas, e os tornozelos apertados com toda a força pelo nó de uma sólida corda — solidez bem visível — de cerca de três metros de comprido, que eu estendi para que a senhora S. (americana) pudesse fotografar com precisão. Perguntei ao indivíduo de quarenta anos se poderia ver a cara.

— Como queira, mas veja só o senhor.

— Não me ajuda a virar-lhe a cabeça?

— Não.

— Arrastaram-no pelas ruas preso à corda?

— Não sei.

— Os homens do comandante Haddad?

— Não sei.

— Os israelitas?

— Não sei.

— Os Kataeb?

— Não sei.

— Conhecia-o?

— Sim.

— Viu-o morrer?

— Vi.

— Quem é que o matou?

— Não sei.

Afastou-se do morto e de mim a toda a pressa. Olhou-me de longe e desapareceu numa travessa.

E agora, que rua tomar? Via-me assediado por homens de cinquenta anos, por moços de vinte, por duas velhotas árabes, dava-me a impressão de estar no meio de uma rosa-dos-ventos, cujos raios abarcassem centenas de mortos.

Vou agora aqui inserir uma nota, sem saber bem por que o faço neste ponto do meu relato: «Os Franceses costumam usar a expressão incaracterística «le sale boulot» («o trabalho mais chato»): pois bem, tal como o exército israelita encarregou os Kataeb, ou os Haddadistas, daquele «trabalho mais chato», assim também os trabalhistas descarregaram, no Likud, «o trabalho chato» em cima de Begin, de Sharon, de Shamir.» Acabo de citar R., jornalista palestiniano, ainda em Beirute, domingo, 19 de Setembro.

Assim, no meio delas, mesmo ao pé de todas estas vítimas torturadas, não consegue o meu espírito desfazer-se desta «*visão invisível*»: como seria ele, o torcionário? Quem era? Vejo-o e não vejo. Entra-me pelos olhos dentro, e outra forma não tem, afinal, senão a esboçada pelas poses, pelas posturas, pelos gestos grotescos dos mortos, lavrados ao sol por nuvens de moscas.

Eles que partiram tão à pressa (chegados de barco com dois dias de atraso, os italianos fugiram com os aviões Hércules!), os *marines* americanos, os *páras* franceses, os *bersaglieri* italianos que constituíam uma força de dissuasão no Líbano, eles que partiram um dia, ou trinta e seis horas antes da partida oficial, como se se escapassem, e logo na véspera do assassínio de Béchir Gemayel, não terão os Palestinianos, perante isto, razões para supor que americanos, franceses e italianos tinham sido avisados de que deviam pirar-se a toda a velocidade para não dar o ar de estarem implicados na explosão da casa dos Kataeb?

— É que eles foram-se embora depressa e cedo de mais. Israel gaba-se e vangloria-se da sua eficácia no combate e na preparação dos golpes, da sua habilidade em tirar partido das circunstâncias, em criar essas mesmas circunstâncias. Senão vejamos: a OLP sai de Beirute em glória, num navio grego, com uma escolta naval. Béchir, o

mais à socapa possível, vai-se encontrar com Begin em Israel. A intervenção das três armas (americana, francesa, italiana) cessa na segunda-feira. Na terça, é Béchir assassinado. Tsahal entra em Beirute Ocidental na quarta de manhã. Como que vindos do porto, os soldados israelitas sobem até Beirute na manhã em que Béchir é enterrado. Com uns binóculos, do oitavo andar de minha casa vi-os eu chegar em fila indiana: uma única fila. Espantava-me que nada se passasse, pois uma boa espingarda de mira tê-los-ia arrumado a todos. Precedia-os a sua ferocidade.

E atrás vinham os tanques. E a seguir os jipes.

Cansados de tão longa e matinal caminhada, pararam junto à Embaixada de França, deixando os tanques tomar a dianteira, entrando abertamente em Hamra. Os soldados sentaram-se, de dez em dez metros, ali mesmo no passeio, espingarda apontada, costas apoiadas à parede da Embaixada. Grandes de tronco, pareciam-me cobras *boas* dotadas de pernas, estendidas para a frente.

«Israel comprometera-se perante o representante americano, Habib, a não pôr os pés em Beirute Ocidental e sobretudo a respeitar a população civil dos acampamentos palestinianos. Arafat ainda guarda a carta onde Reagan lhe faz essa mesma promessa. Habib teria prometido a Arafat a libertação de nove mil prisioneiros em Israel. Na quinta, principiam os massacres de Chatila e Sabra. O «banho de sangue» que Israel pretendia evitar instaurando a ordem nos acampamentos!...», assim me fala um escritor libanês.

«Será muito fácil para Israel ver-se livre de todas as acusações. Jornalistas de todos os jornais europeus empenham-se já em dá-los como inocentes: nenhum dirá que durante as noites de quinta para sexta e de sexta para sábado se falava hebraico em Chatila». Isto me diz um outro libanês.

A mulher palestiniana — pois eu não podia sair de Chatila sem passar de um para outro cadáver, e esse «jogo-da-glória» viria fatalmente a dar nesta coisa prodigiosa: Chatila e Sabra arrasadas por batalhas da Construção Civil, para vir a reconstruir-se sobre esse aplanado cemitério — a mulher palestiniana era já idosa, com certeza, pois tinha o cabelo grisalho. Estava deitada de costas, ali deposta ou abandonada sobre pedras de cantaria, tijolos, barras de ferro torcidas, sem conforto. Logo me espantou uma estranha torsada de corda e pano que ia de um pulso ao outro, mantendo assim os dois braços afastados em horizontal, como se estivessem crucificados. O rosto negro e inchado virado para o céu mostrava uma boca aberta, negra de moscas, com uns dentes que pareciam alvíssimos, rosto esse que, sem que um só músculo se movesse, parecia ora fazer caretas, ora sorrir ou berrar, um berro silencioso e interminável. Tinha meias pretas de lã; o vestido rosa e cinzento às flores, levemente arregaçado ou demasiado curto, não sei, deixava à mostra a perna acima do joelho, negra e inchada, sempre com aquelas gretas cor de malva a casarem com um malva e um violeta igual ao das faces. Seriam equimoses, ou o efeito normal de apodrecer ao sol?

— Bateram-lhe à coronhada?

— Olhe, senhor, olhe para as mãos dela.

Não tinha reparado. Os dedos das mãos estavam abertos em leque, e haviam sido cortados, os dez, como que por uma tesoura de jardineiro. Rindo como garotos e cantando alegremente, os soldados tinham, se calhar, ficado divertidos por terem encontrado a tesoura e podido utilizá-la.

— Veja, senhor.

A ponta dos dedos, as falangetas e a unha estavam caídas no meio do pó. O rapaz que, com naturalidade,

sem a mínima ênfase, me mostrava o suplício dos mortos, estendeu novamente com toda a calma um pano por cima da cara e das mãos da mulher palestiniana, e por cima das pernas um cartão canelado. Já só enxergava agora um monte de trapos rosa e cinzento, sobrevoado pelas moscas.

Três rapazes arrastavam-me para uma viela.

— Entre lá o senhor, que nós esperamos cá fora.

A sala de entrada era tudo quanto restava de uma casa de dois andares. Uma sala muito sossegada, acolhedora, mesmo, uma tentativa de felicidade, talvez conseguida, feita de restos, de um pouco de musgo numa parede destruída, aquilo que a princípio me pareceram três poltronas, e eram de facto três bancos de automóvel (talvez um mercedes abandonado), um canapé com umas almofadas de tecido às flores de cor berrante e desenho estilizado, um pequeno rádio silencioso, dois candelabros apagados. Sala bastante calma, mesmo assim, atapetada de balas... Uma porta bateu como se houvesse corrente de ar. Avancei por cima dos cartuchos e empurrei a porta que abria para fora, mas tive que forçar: o tacão de um sapato de salto alto impedia-a de me dar passagem, tacão esse pertencente a um cadáver deitado de costas junto a dois outros cadáveres de homens deitados de barriga para baixo, todos eles descansando sobre um tapete de invólucros de cobre. Várias vezes estive prestes a cair por causa deles.

No fundo dessa sala, havia outra porta aberta, sem trinco, nem fechadura. Saltei por cima dos mortos como quem salta por sobre um precipício. O compartimento continha quatro cadáveres de homens amontoados sobre uma única cama, uns em cima dos outros, como se cada um tivesse tido a precaução de proteger o que estava por baixo ou tivessem sido presas de um cio erótico em decomposição. Aquele monte de escudos exalava um

cheiro forte, mas não um cheiro mau. O cheiro e as moscas já estavam, parecia-me, a habituar-se a mim. Não incomodavam absolutamente nada aquelas ruínas e aquela calma.

— Na noite de quinta para sexta, e nas noites de sexta para sábado e de sábado para domingo, não houve ninguém que os velasse — pensei eu.

E no entanto tinha a sensação de que alguém antes de mim estivera junto daqueles mortos, depois de mortos. Os três moços aguardavam-me, de lenço no nariz, a uma certa distância da casa.

Foi nessa altura, ao sair de casa, que eu tive como que uma súbita e ligeira loucura que quase me fez sorrir. Pensei para comigo que nunca se iriam arranjar tábuas nem carpinteiros que chegassem para tantos caixões. Mas porquê caixões? Mortos e mortas eram todos eles muçulmanos, que se cosem em mortalhas. Quantos metros não seriam precisos para sepultar tantos mortos? E quantas preces. O que aqui faltava era, agora via, a escansão das orações.

— Venha, senhor, venha depressa.

Já é tempo de dizer que essa súbita e momentânea loucura que me levou a contar os metros de pano branco deu aos meus passos uma quase alegre vivacidade, e talvez tenha sido causada por uma reflexão que na véspera ouvira a uma amiga palestiniana.

— Estava à espera que me trouxessem as chaves (que chaves? do carro, de casa? só fixei esta palavra: chaves), quando, nisto, passa um velhote a correr. — Onde é que vais? — À procura de ajuda. Sou o coveiro. Bombardearam o cemitério. As ossadas estão todas à mostra. Têm que me ajudar a juntar os ossos.

Esta amiga é, creio eu, católica. Disse-me ela ainda: — Quando a bomba de vácuo, também chamada de implosão, matou duzentas e cinquenta pessoas, tínhamos

apenas um único caixão. Os homens abriram uma vala comum no cemitério da igreja ortodoxa. Enchíamos o caixão e íamo-lo despejar. Andámos nesse vaivém debaixo do bombardeamento, desembaraçando como podíamos corpos e membros.

Há três meses que as mãos tinham uma dupla função: de dia, agarrar e tocar; à noite, ver. Os cortes de electricidade obrigavam a essa educação de cegos, assim como à escalada, duas ou três vezes por dia, da falésia de mármore branco, os oito andares de escadaria. Tivemos que encher de água todos os recipientes que havia em casa. Cortaram o telefone quando, em Beirute Ocidental, entraram os soldados israelitas e com eles as inscrições hebraicas. Cortadas foram também as estradas à volta de Beirute. Os tanques Merkeba em constante movimento indicavam que toda a cidade estava sob controle, mas ao mesmo tempo adivinhava-se que os seus ocupantes tinham medo de que os tanques pudessem tornar-se um alvo fixo. Receavam sem dúvida a actividade dos «morabitunes» e dos feddayin que tivessem conseguido ficar nos sectores de Beirute Ocidental.

No dia seguinte ao da entrada do exército israelita, fomos nós feitos prisioneiros: ora o que me pareceu é que os invasores eram mais desprezados do que temidos, causavam mais nojo do que susto. Nenhum soldado ria ou sorria. Não era tempo, aqui, de chuvas de arroz ou de flores.

Desde que as estradas foram cortadas e o telefone silenciou, privado de comunicação com o resto do mundo, senti, pela primeira vez na vida, que me estava a tornar palestiniano e a odiar Israel.

Na Cidade Desportiva, junto à estrada Beirute-Damasco, estádio praticamente destruído pelo bombardeamento dos aviões, entregam os libaneses aos oficiais

israelitas montes de armas, todas elas, segundo parece, voluntariamente deterioradas.

No apartamento que eu ocupo, cada um possui o seu posto de rádio. Ouve-se Rádio-Kataeb, Rádio-Morabitunes, Rádio-Amã, Rádio-Jerusalém (em francês), Rádio-Líbano. Certamente que o mesmo acontece nos outros apartamentos.

«Estamos ligados a Israel por várias cadeias que nos trazem bombas, tanques, soldados, fruta, legumes; e eles levam para a Palestina os nossos soldados, os nossos filhos...num vaivém contínuo que não pára nunca, pois, dizem eles, nós estamos ligados a eles desde Abraão, pela descendência, pela língua, pela mesma origem...» (um feddai palestiniano). «Em resumo — acrescenta ele — invadem-nos, enchem-nos de comida, sufocam-nos, gostariam até de se abraçar a nós. Dizem que são nossos primos. Ficam muito tristes ao verem que nós nos desviamos deles. Devem estar furiosos contra nós e contra eles próprios».

*
* *

Esta afirmação, de uma beleza inerente aos revolucionários, põe uma série de dificuldades. Sabe-se — supõe-se — que os garotos ou os adolescentes que vivem em meios severos e ancestrais ostentam uma beleza de rosto, de corpo, de gestos e de olhar muito afim da beleza dos feddayin. Talvez seja esta a explicação: quebrando as ordens arcaicas, uma liberdade nova abre caminho através das peles mortas, e os pais e avós dificilmente poderão apagar-lhes o brilho dos olhos, a voltagem das têmporas, o vivo sangue que lhes corre nas veias.

Na Primavera de 1971, reinava a beleza nas bases palestinianas, subtilmente difusa na floresta animada

pela liberdade dos feddayin. Nos acampamentos, havia uma beleza diferente, um pouco mais surda, instaurada pelo reino das mulheres e das crianças. Recebiam esses campos como que uma luz proveniente das bases de combate, e quanto às mulheres, a explicação do seu esplendor necessitaria de um longo e complexo debate. Mais ainda que os homens, mais que os feddayin em combate, as mulheres palestinianas pareciam ser suficientemente fortes para sustentar a resistência e aceitar as novidades de uma revolução. Já haviam faltado aos costumes: olhar directo a enfrentar o olhar dos homens, recusa do véu, cabelos à vista, às vezes completamente destapados, voz sem desfalecimentos. A mais curta e prosaica das suas deslocações era o fragmento de uma avançada seguríssima para uma nova ordem sua desconhecida, a qual, porém, pressentiam ser para si um banho de libertação, e para os homens uma luminosa soberbia. Estavam prontas a tornar-se, a um tempo, esposas e mães dos heróis, como já o eram dos seus homens.

Nas matas de Ajlun, sonhariam talvez com raparigas os feddayin, mas o que me parece é que cada um delineava no íntimo — ou modelava com gestos — uma moça colada a si e daí aquela graça e aquela força — e aquelas risadas divertidas — dos feddayin em armas. Não estávamos apenas na orla de uma pré-revolução, mas de uma indistinta sensualidade. O gelo que tornava rígido cada gesto, fixava-o na sua doçura.

Sempre e dia a dia, durante meses, vi eu, em Ajlun, uma mulher magra mas forte, agachada ao frio, agachada como os índios dos Andes, ou certos negros africanos, como os Intocáveis de Tóquio, ou os Ciganos nas feiras, em posição de fuga súbita, se há perigo — uma mulher agachada debaixo das árvores, diante do posto da guarda: uma casita de pedra e cal, feita à pressa. Esperava ali, descalça, enfiada num vestido preto enfeitado na bainha e

nos punhos. Tinha um rosto severo mas não raivoso, cansado mas não lasso. O responsável do comando arranjava primeiro uma sala quase nua e fazia-lhe depois sinal. Ela entrava na sala. Fechava a porta, mas não à chave. Depois saía, sem dizer uma palavra, sem um sorriso e retornava, no seu pé descalço, a Jerash e ao campo de Baq'a. Vim a saber que, nessa sala que lhe estava reservada no posto da guarda, ela despia as suas duas saias pretas, de onde despregava todos os envelopes e cartas que aí estavam cosidos, fazia um maço com eles e batia ao de leve à porta. Entregava as cartas ao responsável, saía, ia-se embora sem ter dito uma palavra. No dia seguinte, voltava.

Outras mulheres, mais velhas do que aquela, riam-se de terem apenas por lareira três pedras enfarruscadas a que chamavam, rindo, em djebel Hussein (Amã), «a nossa casa». A voz infantil com que elas me mostravam aquelas três pedras, às vezes com brasas, e diziam a rir: «Darna»! Essas velhas não faziam parte da revolução, nem da resistência palestinianas: eram a alegria já sem esperança. O Sol sobre elas seguia o seu curso. Um braço ou um dedo estendido propunha uma sombra cada vez mais magra. Sobre que solo? Jordano, por via de uma ficção administrativa e política decidida pela França, a Inglaterra, a Turquia, a América... «A alegria já sem esperança», a mais jovial porque a mais desesperada. Viam ainda aquela Palestina que, tinham elas dezasseis anos, já não existia, mas, enfim, sempre era o seu solo. Não estavam assim, sem pés nem cabeça, num espaço inquietante em que o mais pequeno gesto se tornava um gesto em falso. Sob os pés descalços dessas octogenárias de tragédia, supremamente elegantes, seria firme a terra? Cada vez o era menos, na verdade. Quando haviam fugido de Hébron, sob a ameaça israelita, a terra aqui pareceu-lhes sólida, mais ligeiro se tornava cada um e sensual-

mente se movia na língua árabe. Com o andar do tempo, a terra parecia ter sentido isto: que os Palestinianos, esses camponeses, se tornavam cada vez menos suportáveis à medida que iam descobrindo a mobilidade, a marcha, a corrida, o jogo das ideias baralhadas dia a dia, como, por assim dizer, cartas de jogar, e montadas, desmontadas, utilizadas, como armas. À vez, cada uma das mulheres toma a palavra. Riem. De uma delas fica-nos esta frase:

— Heróis! Não brinquem! Cinco ou seis dos que lá estão no djebel foram feitos e surrados por mim. Limpei-lhes o rabo. Sei o que eles valem, e sou capaz de fazer outros tantos.

No céu sempre azul prossegue o Sol na sua curva, ainda quente. Estas trágicas recordam-se, e ao mesmo tempo imaginam. A fim de se tornarem mais expressivas, no final de cada período, acentuam, de dedo espetado, as consoantes enfáticas. Um soldado jordano que fosse a passar ficaria encantado: reconheceria, no ritmo daquelas frases, o ritmo das danças beduínas. Um soldado israelita que visse essas deusas, sem mais palavras pespegava-lhes na cabeça com uma rajada de metralhadora.

*
* *

Já não há nada aqui, nestas ruínas de Chatila. Só algumas velhas, mudas, que correm a fechar-se atrás de uma porta onde está pregado um pano branco. Dos feddayin, encontrei alguns, muito novos, em Damasco.

Optar por uma comunidade privilegiada, que nos é estranha de nascença (quando só os nativos pertencem a esse povo), é uma opção fruto de uma adesão irracional: não é que a justiça não tenha aí a sua quota-parte, mas mesmo essa justiça, e bem assim toda a defesa dessa

comunidade, pressupõem uma atracção sentimental, talvez mesmo sensível, sensual; eu sou francês, mas defendo inteiramente, e sem mais juízos, os Palestinianos. Eles têm o direito por si, uma vez que os amo. Mas amá-los-ia eu se a injustiça não tivesse feito deles um povo vagabundo?

Os prédios de Beirute estão quase todos eles tocados, naquela parte que ainda é conhecida por Beirute Ocidental. Desmoronam-se de várias maneiras: como um mil-folhas apertado pelos dedos de um King-kong gigante, voraz e indiferente, outras vezes os três ou quatro últimos andares inclinam-se deliciosamente num plissado assaz elegante, uma espécie de drapeado libanês do prédio. Se há fachada intacta, dê-se volta à casa, as outras paredes estão esburacadas. Se as quatro paredes não apresentam fissuras, é que a bomba lançada do avião caiu no meio e abriu um poço onde era a caixa da escada e o elevador.

Conta-me S., em Beirute Ocidental, após a chegada dos israelitas: «Caíra a noite, deviam ser dezanove horas. De repente, uma grande barulheira de ferros, ferros e mais ferros. Toda a gente, eu, a minha irmã, o meu cunhado, corre à varanda. Noite de breu. De tempos a tempos, uma espécie de relâmpagos, a menos de cem metros. Como sabes, quase à nossa frente há uma espécie de P.C. israelita: quatro tanques, uma casa ocupada por soldados e oficiais, e sentinelas. O escuro. E o barulho da ferragem a aproximar-se. Os relâmpagos: umas tochas acesas. E quarenta ou cinquenta garotos dos seus doze ou treze anos a baterem em cadência nuns pequenos bidões de ferro, uns com pedras, outros com martelos ou qualquer outra coisa. Gritavam e ritmavam com força: *Lá illah illah Allah, Lá Kataeb wa yahud.* (Só Deus é Deus. Não aos Kataeb, não aos Judeus.)»

Diz-me H.: «Quando tu cá vieste, a Beirute e a Damasco, em 1928, Damasco estava em ruínas. O general Gouraud e as suas tropas, atiradores marroquinos e tunisinos, haviam limpo Damasco à bala. A quem é que a população síria acusava?

Eu: — Os Sírios acusavam a França dos massacres e das ruínas de Damasco.

Ele: — Pois nós acusamos Israel dos massacres de Chatila e de Sabra. Não queiram atirar tais crimes unicamente para cima dos Kataeb seus suplentes. Israel é culpado de ter feito entrar nos campos duas companhias de Kataeb, de lhes ter dado ordens, de os ter encorajado durante três dias e três noites, de lhes ter arranjado de comer e de beber, de ter iluminado de noite os acampamentos.»

Ainda H., professor de História: — «Em 1917 — diz-me ele — repetiu-se o golpe de Abraão, ou, se tu quiseres, Deus era já a prefiguração de Lorde Balfour. Deus, diziam os Judeus, e continuam a dizer, prometera uma terra de leite e de mel a Abraão e à sua descendência; ora essa região, que não é pertença do deus dos Judeus (havia deuses em barda, nessas terras), essa região era povoada pelos Cananeus, que também tinham os seus deuses, e se bateram contra as tropas de Josué até lhes roubarem a sua famosa Arca da Aliança, sem a qual os Judeus não teriam vitória. Em 1917, a Inglaterra ainda não estava na posse da Palestina (essa terra de leite e de mel), uma vez que o tratado que lhe concedia o mandato ainda não fora assinado.

— Begin pretende ter vindo para essa terra...

— Isso é o título de um filme: «Uma tão longa ausência». Estás a imaginar esse polaco herdeiro do rei Salomão?»

Nos acampamentos, os refugiados sonhavam, após vinte anos de exílio, com a sua Palestina, ninguém se

atrevia a pensar ou a dizer que Israel a devastara de alto a baixo, que em vez do campo de cevada havia o banco, e a central eléctrica em vez da vinha em socalcos.

— Vão mudar as barreiras do acampamento?

— Tem que se reconstruir parte do muro, junto à figueira.

— As panelas devem estar todas enferrujadas: é preciso comprar chapa de zinco.

— Porque é que se não há-de pôr também electricidade na cavalariça?

— Ah, não! acabaram-se os vestidos bordados à mão! Tens que me dar uma máquina de coser e outra de bordar.

A população idosa dos campos era miserável, talvez já o fosse também na Palestina, mas a nostalgia funcionava ali de um modo mágico. Arrisca-se agora a deixar-se prender pelos tristes encantos dos acampamentos. Não é certo que esta fracção palestiniana os abandone com pena. Neste sentido é que o extremo desnudamento é passadista. Todo o indivíduo que tenha passado por isso sentirá, a par da amargura, uma extrema alegria, uma alegria solitária, indescritível. Presos a encostas pedregosas, e nus, são esses acampamentos da Jordânia; mas, na periferia, há outras nudezas mais desoladas: abarracamentos, tendas esburacadas, habitadas por famílias dotadas de um esplendente orgulho. É nada perceber do coração humano negar que haja homens que se possam prender e orgulhar de visíveis misérias; mas esse orgulho é possível porque a miséria visível tem por contrapeso uma oculta glória.

A solidão dos mortos era, no campo de Chatila, ainda mais sensível por eles mostrarem gestos e poses a que não tinham podido afeiçoar-se. Mortos de qualquer maneira. Mortos votados ao abandono. Entretanto, todos os afectos, ternuras, amores pairavam ali no campo, à nossa

volta, em demanda dos palestinianos que já não podiam mais corresponder-lhes.

— Como dizê-lo a seus pais, que partiram com Arafat, confiantes nas promessas de Reagan, de Mitterrand, de Pertini, os quais lhes haviam asseverado que ninguém tocaria na população civil dos acampamentos? Como dizer-lhes que se deixou massacrar as crianças, os velhos, as mulheres e que se abandonam os seus cadáveres sem orações? Como participar-lhes que se ignora onde estão enterrados?

Os massacres não ocorreram nem em silêncio nem na escuridão. Iluminados pelos foguetões luminosos israelitas, os ouvidos israelitas desde quinta à noite que estavam à escuta de Chatila. Quanta festa, quanto regabofe não houve ali, ali, onde a morte, pelos vistos, participava nos folguedos dos soldados ébrios de vinho, ébrios de ódio e sem dúvida da alegria de agradar ao exército israelita que escutava, que olhava, que encorajava, que repreendia. Não vi esse exército israelita à escuta e à coca. Só vi o que ele fez.

Ao argumento: «Que ganhava Israel em assassinar Béchir?» responde-se: entrar em Beirute, restabelecer a ordem e evitar o banho de sangue.

— Que ganhava Israel em massacrar Chatila? — Resposta: «Que ganhava ele em entrar no Líbano? Que ganhava ele em bombardear durante dois meses a população civil? Expulsar e destruir os Palestinianos. Que pretendia ele ganhar em Chatila? Destruir os Palestinianos.»

Israel mata homens, mata mortos. Arrasa Chatila. Não está alheio à especulação imobiliária sobre o terreno reordenado: cinco milhões antigos vale o metro quadrado desse terreno, mesmo assim devastado. Será isto «limpo»?...

Escrevo-o aqui em Beirute onde, talvez pela vizinhança da morte, ainda à flor da terra, tudo é mais verdadeiro do que em França: tudo se passa, pelos vistos, como se, cansado e acabrunhado de ser um exemplo, de ser intocável, de explorar aquilo em que crê ela haver-se tornado — a santa inquisitorial e vingadora — Israel tivesse resolvido deixar que friamente o julgassem.

Graças a uma sábia mas previsível metamorfose, ei-lo como de há muito se preparava para ser: um poder execrável, colonizador como já ninguém se atreve a sê-lo, poder esse que, devido à sua longa maldição e também ao seu carácter de eleição, acaba por se tornar uma Derradeira Instância.

Inúmeras questões podem ser postas:

Se os israelitas mais não fizeram do que iluminar o campo, e escutar, e ouvir os tiros resultantes de tantas munições, cujos invólucros (dezenas de milhar) eu pisei, quem é que na realidade disparava? Quem é que, matando, arriscava a pele? Falangistas? Haddadistas? Quem? E quantos?

Onde se meteram as armas que causaram tantos mortos? E as armas dos que se defenderam? Na parte do campo que visitei, apenas vi duas armas antitanque não utilizadas.

Como penetraram os assassinos nos campos? Havia israelitas em todas as saídas, de comando a Chatila? Quinta-feira, em todo o caso, já eles estavam no hospital de Acca, face a uma das entradas do campo.

Apareceu nos jornais que os israelitas entraram no campo de Chatila logo que tiveram conhecimento dos massacres, e que de pronto acabaram com eles, ou seja, no sábado. Mas que fizeram dos massacrantes, onde é que estes se meteram?

Após o assassínio de Béchir Gemayel e de vinte dos seus camaradas, após os massacres, a senhora B., da alta

burguesia de Beirute, sabendo-me de regresso a Chatila, veio ter comigo. Subiu — não havia electricidade — os oito andares do prédio: creio-a já idosa, elegante mas idosa.

— Razão tinha a senhora ao dizer-me, antes da morte de Béchir, antes dos massacres, que o pior estava em marcha. Eu vi.

— Peço-lhe por tudo que não me conte o que viu em Chatila. Estou muito fraca dos nervos, tenho que os poupar para conseguir suportar o pior que ainda está para vir.

Vive sozinha com o marido (setenta anos) e a criada, num grande apartamento em Ras Beirute. É extremamente elegante. Muito cuidada. Tem móveis de estilo, creio que Luís XVI.

— Sabíamos que Béchir tinha ido a Israel. Fez mal. Quando se é eleito chefe de Estado, não é possível dar-se com gente daquela. Tinha a certeza de que lhe ia acontecer uma desgraça. Mas eu não quero saber de nada. Tenho que poupar os nervos para suportar os terríveis golpes que ainda estão para vir. Béchir devia ter devolvido a carta em que o senhor Begin lhe chamava seu caro amigo.

A alta burguesia, mais os seus servos mudos, tem a sua maneira própria de resistir. Nem a senhora B., nem o marido «crêem totalmente na metempsicose». Que acontecerá se eles renascerem sob a forma de israelitas?

O dia do enterro de Béchir é também o dia da entrada em Beirute Ocidental do exército israelita. As explosões vão-se aproximando do prédio onde nos encontramos; finalmente, toda a gente desce até ao abrigo, situado numa cave. Embaixadores, médicos, suas mulheres e filhas, um representante da ONU no Líbano, os criados.

— Carlos, dê-me uma almofada.

— Carlos, os meus óculos.

— Carlos, uma pinga de água.

Os criados, que também falam francês, são admitidos no abrigo. Se calhar também se vai ter que olhar por eles, pelas suas feridas, pelo seu transporte para o hospital ou para o cemitério... Mas que coisa!

É bom que se saiba que os campos palestinianos de Chatila e de Sabra são quilómetros e quilómetros de vielas estreitíssimas — porque, aqui, até as ruas são magras, tão esqueléticas, que às vezes, para duas pessoas poderem avançar, tem uma delas que andar de lado —, ruas atafulhadas de entulho, de perpianhos, de tijolos, de farrapos sujos e multicolores, e, de noite, à luz dos foguetes israelitas que iluminavam os acampamentos, quinze ou vinte atiradores, por muito bem armados que estivessem, não teriam conseguido fazer carnificina. Foram muitos os assassinos que ali operaram, provavelmente esquadrões de torcionários que rachavam crânios, rasgavam coxas, cortavam braços, mãos e dedos, arrastavam os moribundos presos por uma corda, homens e mulheres ainda com vida, uma vez que o sangue correu dos seus corpos durante muito tempo, a tal ponto que não pude saber quem, no corredor de uma casa, teria deixado aquele rasto de sangue seco, desde o fundo do corredor onde havia um charco, até ao patamar, onde se perdia no meio do pó. Seria um palestiniano? Uma mulher? Um falangista cujo corpo tivesse sido evacuado?

Em Paris, sobretudo quando se ignora a topografia dos campos, pode-se realmente duvidar de tudo. Pode-se deixar Israel afirmar que os jornalistas de Jerusalém foram os primeiros a anunciar o massacre. Como foi que o fizeram ao dirigirem-se aos países árabes e em língua árabe? E em língua inglesa? e em francês? E quando, exactamente? Lembrar-se a gente de todas as precauções que se tomam no Ocidente, na constatação de uma morte suspeita, as impressões digitais, o impacto das balas, as

autópsias e os repetidos exames periciais! Em Beirute, mal se teve conhecimento do massacre, o exército libanês tomou oficialmente a seu cargo os campos e tratou logo de limpar tudo, tanto as ruínas das casas como as dos corpos. Quem ordenou tal precipitação? E logo veio aquela afirmação que correu mundo: «cristãos e muçulmanos mataram-se uns aos outros», depois de as câmaras já terem registado a ferocidade da matança.

O hospital de Acca ocupado pelos israelitas, e situado diante de uma das entradas de Chatila, não fica a duzentos, mas a quarenta metros do campo. Nada viram, nada ouviram, de nada se aperceberam?

Pois é precisamente isto que Begin declara na Knesset: «Não-judeus massacraram outros não-judeus: o que é que nós temos a ver com isso?»

Interrompida, por instantes, a descrição de Chatila tem que ser levada até ao fim. Eis os mortos que por último vi, no domingo, cerca das duas da tarde, quando a Cruz Vermelha Internacional entrava com os seus *bulldozers*. O cheiro a cadáver não vinha das casas nem dos supliciados: era o meu corpo, o meu ser que parecia emiti-lo. Numa rua estreita, junto ao rebordo de um muro, pareceu-me ver, sentado no chão, um *boxeur* negro, risonho, espantado por o terem posto K.O. Ninguém tivera a coragem de lhe fechar os olhos, que, de alvíssima faiança, olhavam para mim, desorbitados. Parecia desnorteado, o braço erguido, encostado à aresta do muro. Era um palestiniano, morto havia dois ou três dias. Se o tomei a princípio por um *boxeur* negro, é porque tinha uma cabeça enorme, negra e inchada como todas as cabeças e todos os corpos, estivessem eles ao sol ou à sombra das casas. Passei-lhe rente aos pés. Apanhei, do meio do pó, a dentadura de uma maxila superior que poisei no que restava dos alisares de uma janela. A cova da mão estendida para o céu, a boca aberta, as calças desaper-

tadas a que faltava o cinto: outros tantos favos de mel onde as moscas se alimentavam.

Passei por outro cadáver, e por outro ainda. Naquela clareira de pó entre os dois mortos, havia, enfim, um objecto vivíssimo, de um rosa translúcido, um objecto intacto no meio da carnificina, e que ainda podia servir: a perna artificial, aparentemente de matéria plástica e calçada com um sapato preto e uma peúga cinzenta. Reparando melhor, via-se claramente que a haviam arrancado à bruta à perna amputada, pois as correias que habitualmente a mantinham presa à coxa estavam todas em pedaços.

Esta perna artificial pertencia ao segundo morto. Aquele de quem só vira uma perna e um pé calçado com um sapato preto e uma peúga cinzenta.

Na rua perpendicular àquela onde deixei os três mortos, havia um outro morto ainda. Não tapava completamente a passagem, mas estava estendido mesmo à entrada da rua, de modo que tive que passar à frente e depois virar-me para ver o espectáculo: sentada numa cadeira, rodeada de homens e de mulheres ainda novos que não diziam palavra, soluçava uma mulher — trajo de árabe — que me pareceu ter uns dezasseis ou dezassete anos. Chorava o irmão cujo corpo barrava quase por completo a rua. Fui até junto dela. Olhei melhor. Tinha uma *écharpe* atada ao pescoço. Chorava, lamentava a morte do irmão, ali a seu lado. Tinha o rosto rosado — um cor-de-rosa infantil, quase uniforme, muito suave e doce — mas desprovido de pestanas e sobrancelhas, e aquilo que a mim me parecia cor-de-rosa não era a epiderme, mas a derme, ladeada de uma pouca de pele cinzenta. Tinha a cara toda ela queimada. Não pude saber pelo quê, mas percebi por quem.

Os primeiros mortos, ainda me esforcei por contá-los. Chegado a uns doze, ou a uns quinze, rodeado daquele

cheiro, e daquele sol, tropeçando em todos os destroços, não pude mais, tudo se baralhou.

Casas esventradas de onde saem edredões, prédios desmoronados, tudo isso eu vira com indiferença: mas olhando para estes de Beirute Ocidental, para estes de Chatila, era o terror que se me deparava. Os mortos, que em geral depressa se me tornam familiares, amigáveis, mesmo, ao vê-los, aqui nos acampamentos, era só ódio o que eu via, e a alegria de quem os matou. Desenrolara-se ali uma festa bárbara: raiva, embriaguez, danças, cantos, pragas, queixas, gemidos, em honra dos espreitas que se riam no último andar do hospital de Acca.

Em França, antes da guerra da Argélia, não eram bonitos, os Árabes, tinham um ar pesado, arrastado, uma cara retorcida, que a vitória, de repente, embelezou; mas ainda antes dessa vitória cega, quando mais de meio milhão de soldados franceses fossavam e rebentavam nos Aurès e por toda a Argélia, já um curioso fenómeno se tornava perceptível, trabalhava o rosto e o corpo dos operários árabes: algo como a aproximação, o pressentimento de uma beleza ainda frágil, mas que iria deslumbrar-nos mal as escamas enfim caíssem da sua pele e dos seus olhos. Fomos forçados a aceitar esta evidência: tinham-se libertado politicamente, eles, para que nós os víssemos como deviam ser vistos, seres extremamente belos. Fugidos dos campos de refugiados, fugidos da moral e da ordem dos acampamentos, de uma moral imposta pela necessidade de sobrevivência, e fugidos, ao mesmo tempo, da vergonha, os feddayin eram de igual modo extremamente belos; e como era uma nova beleza, isto é, uma beleza nova, ou seja, ingénua, e fresca, tão viva era, que logo descobria o que a tornava concorde com todas as belezas do mundo libertas da vergonha.

Muitos dos chulos argelinos que cruzavam a noite de Pigalle serviam-se dos seus atractivos em prol da revo-

lução argelina. Também nisso havia virtude. É, creio eu, Hannah Arendt que distingue as revoluções consoante elas encarem a liberdade ou a virtude — o trabalho portanto. Talvez devêssemos reconhecer que as revoluções ou as libertações têm — obscuramente — por objectivo o encontro ou reencontro da beleza, isto é, do impalpável, algo que só este vocábulo pode descrever. Ou não: por beleza entendemos nós uma risonha insolência, escarnecida pela miséria passada, pelos sistemas e indivíduos responsáveis pela miséria e pela vergonha, uma risonha insolência que contudo se apercebe de que, uma vez livre da vergonha, o esplendor seria fácil.

Mas do que se trata nesta página é sobretudo disto: uma revolução só realmente o é, se dos rostos e dos corpos preservou a pele morta que os deformava. Não falo de uma beleza académica, mas da impalpável — da indescritível — alegria dos corpos, dos rostos, dos gritos, das palavras, que deixam de ser sombrios, ou seja, uma alegria tão forte e sensual que corre com o erotismo.

*

* *

Eis-me novamente em Ajlun, na Jordânia, e a seguir em Irbid. Agarro no que penso ser um cabelo branco meu, caído na camisola, e poiso-o num joelho de Hamza, sentado ao pé de mim. Ele agarra-o entre o médio e o polegar, olha-o, sorrindo, mete-o no bolso do blusão negro e, espalmando a mão sobre ele, diz-me:

— Um pêlo da barba do Profeta vale menos que isto.

Respira mais fundo e repisa:

— Um pêlo da barba do Profeta não vale mais do que isto.

Não tinha mais que vinte e dois anos, o seu raciocínio ia muito além do dos palestinianos de quarenta

anos; no entanto, já nele — no seu corpo, nos gestos — havia sinais que o ligavam aos seus antepassados.

Dantes, os camponeses assoavam-se aos dedos. Com uma sacudidela, o ranho ia parar às silvas. Passavam pelo nariz a manga de veludo *côtelé* que ao fim de um mês estava coberta de um leve nacarado. O mesmo fazem os feddayin. Assoam-se como os marqueses, como os prelados sorviam o rapé: um pouco curvados para a frente. E também eu fiz isso que eles, sem saber, me ensinaram.

E as mulheres? Noite e dia a bordarem os sete vestidos (um em cada dia da semana) do enxoval oferecido por um esposo geralmente idoso escolhido pela família, aflitivo despertar. Belíssimas se tornaram as jovens palestinianas quando se revoltaram contra o pai e quebraram as agulhas e as tesouras de bordar. Foi nas montanhas de Ajlun, Salt e Irbid, e também, na floresta, que se condensou toda essa sensualidade liberta pela revolta e pelas espingardas, sim, é bom não esquecer as espingardas: era mais que o suficiente para que todos se sentissem saciados. Sem disso terem consciência — seria mesmo assim? — os feddayin davam os últimos retoques numa cara nova; a vivacidade dos gestos e a sua visível lassidão, a rapidez e o brilho do olhar, o timbre mais claro da voz aliavam-se a uma pronta e breve resposta. Resposta precisa, também. Frases longas, sábias e volúveis retóricas, acabaram com isso.

Muitos deles estão mortos, em Chatila; e a minha amizade, o meu afecto pelos seus cadáveres podres é tanto maior quanto os conheci. Enegrecidos, inchados, apodrecidos pelo sol e pela morte, continuavam a ser feddayin.

Domingo, por volta das duas da tarde, três soldados do exército libanês levaram-me, de espingarda em riste, até um jipe onde um oficial cabeceava. Perguntei-lhe eu:

— Fala francês?

— English.

A voz era seca, talvez por ter sido acordado assim de repente.

Mirou o meu passaporte. E disse em francês:

— Vem de lá? (Com o dedo apontava para Chatila.)

— Venho.

— Então viu?

— Vi.

— E vai escrevê-lo?

— Vou.

Devolveu-me o passaporte. Despediu-me com um aceno. As três espingardas baixaram. Passara quatro horas em Chatila. Ficaram-me na memória uns quarenta cadáveres. Todos eles — todos, repito — haviam sido torturados, provavelmente no meio da bebedeira, das cantigas, das risadas, do cheiro a pólvora e a cadáver, já.

Estava ali sozinho, quero dizer: só eu, europeu (mais algumas velhotas palestinianas agarradas ainda a um trapo branco rasgado; e alguns jovens feddayin sem armas), mas se esses cinco ou seis seres humanos ali não estivessem e se me tivesse deparado aquela cidade arrasada, aqueles palestinianos horizontais, negros e inchados, eu teria enlouquecido. Ou terei mesmo enlouquecido? Aquela cidade feita em migalhas, caída por terra, que eu vi ou julguei ter visto ser percorrida, soerguida, levada pelo forte cheiro da morte, tudo isso teria acontecido?

Explorara apenas, e mal, uma vigésima parte de Chatila e de Sabra, nada de Bir Hassan, e nada de Burj el Barajné.

* * *

Não foi às minhas inclinações que eu fiquei a dever o ter vivido em maravilha o período jordano. Já muitos europeus e árabes do Norte de África me falaram do sortilégio que ali os prendera. Durante esse longo arrebatamento de seis meses em que vivi, e que apenas se tingiu de negro durante doze ou treze horas, pude saborear a leveza dos acontecimentos, a excepcional qualidade dos feddayin, pressentindo embora a fragilidade do edifício. Havia, por toda a parte onde o exército palestiniano se reagrupara — junto ao Jordão —, postos de controle onde os feddayin se sentiam tão seguros dos seus direitos e do seu poder que a chegada de um visitante, de noite ou de dia, a um desses postos, dava motivo a fazer-se um chá, a conversar por entre gargalhadas e beijos fraternos (aquele a quem se beijava partia nessa mesma noite, atravessava o Jordão para ir pôr bombas à Palestina, e muitas vezes não voltava). As únicas ilhas de silêncio eram as aldeias jordanas: dali, nem pio. Os feddayin pareciam, todos eles, pairar com leveza acima do solo, como que por obra de algum subtilíssimo copo de vinho ou de um pedaço de haxixe. Isso o que era? Era a juventude despreocupada com a morte, que possuía, prontas a disparar, armas checas e chinesas. Protegidos por armas que tão alto troavam, nada temiam os feddayin.

Um leitor que já tenha olhado para um mapa da Palestina e da Jordânia saberá que aquele terreno não é uma folha de papel. As terras à beira do Jordão são muito acidentadas. Toda aquela temeridade devia ter por subtítulo «Sonho de uma noite de Verão», mesmo apesar dos berros dos quarentões seus responsáveis. Aquilo só era possível graças à juventude, ao prazer de viver a coberto das árvores, de brincar com armas, de

estar longe das mulheres, ou seja, de escamotear um problema difícil; só era possível por ser o ponto mais luminoso, porque mais agudo, da revolução; por ter o acordo da população dos campos, por se ser fotogénico desse lá por onde desse, e também pelo pressentimento de que tal *féerie* de conteúdo revolucionário viria a ser dentro em pouco saqueada: não queriam o poder, os feddayin, eles que tinham a liberdade.

No regresso de Beirute, encontrei, no aeroporto de Damasco, alguns jovens feddayin escapados do inferno israelita. Tinham cerca de dezasseis ou dezassete anos: riam-se, eram parecidos com os de Ajlun. Tal como eles, morrerão. Combater por um país pode preencher uma vida, torná-la muito rica, mas breve. Foi essa, recorde-se, a escolha de Aquiles na *Ilíada*.

Nos primeiros dias de Setembro de 1988 foi composto e impresso para a Editorial O Oiro do Dia *(M. J. Costa & C.ª, Lda.), Rua da Fábrica, 76, Porto, na Tipografia Minerva, de Vila do Conde, este décimo sétimo volume da colecção* O Aprendiz de Feiticeiro, *Quatro Horas em Chatila, em tradução de Luiza Neto Jorge, e com um desenho de Jorge Pinheiro.*
Dirige graficamente a colecção Armando Alves.

Depósito Legal N.º 23555/88

colecção o aprendiz de feiticeiro

Volumes publicados

1. POEMAS DE EZRA POUND
   E DE GOTTFRIED BENN
   Traduções de José Palla e Carmo e de João Barrento
   Com um desenho de Armando Alves

2. ALENTEJO NÃO TEM SOMBRA
   (Antologia de Poesia Contemporânea sobre o Alentejo organizada por Eugénio de Andrade)
   Com uma pintura de Jorge Pinheiro
   e outra de Armando Alves
   3.ª edição, aumentada

3. CHUVA SOBRE O ROSTO
   POEMAS DE EUGÉNIO DE ANDRADE
   Com um retrato de sua Mãe pelo escultor José Rodrigues
   3.ª edição, aumentada

4. ARQUITECTURA DE SIGNOS
DE ULALUME GONZÁLEZ DE LEÓN
E AMORGOS — A UMA ESTRELA VERDE
DE NIKOS GATSOS
Traduções de António Ramos Rosa
e de Mário Cláudio
Com um desenho de Ângelo de Sousa

5. NÓ CEGO, O REGRESSO
POEMA DE VASCO GRAÇA MOURA
Com uma aguarela de Mário Botas

6. RIMAS DE GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER
Tradução de José Bento
Com um retrato de Bécquer
por Valeriano Bécquer, seu irmão

7. 27 POEMAS DE JUAN RAMÓN JIMÉNEZ
E DIÁLOGO DE VÉNUS E PRIAPO E
OUTROS POEMAS DE RAFAEL ALBERTI
Traduções de José Bento
Com um retrato de Jiménez e de
Alberti por Armando Alves

8. OS REMOS ESCALDANTES
POEMAS DE ALBANO MARTINS
E 12 POEMAS INGÉNUOS E
1 POST-SCRIPTUM DE TERESA BALTÉ
Com um desenho de Armanda Passos

9. AS BALEIAS NÃO CHORAM
DE D. H. LAWRENCE E
A MULHER SEM SOMBRA
DE HUGO VON HOFMENNSTHAL
Traduções de Fernando Guimarães e
Maria de Lourdes G. Guimarães
Com um desenho de Diogo Alcoforado

10. TRAVELLING DE EDUARDA CHIOTE
E QUEM NÃO VIER DO SUL
DE HELGA MOREIRA
Com um desenho de Armando Alves

11. CORAÇÃO HABITADO
POEMAS DE EUGÉNIO DE ANDRADE
Com um desenho do escultor
José Rodrigues

12. POEMAS DE GOETHE
E OITO SONETOS A ORFEU DE RILKE
Traduções de Yvette K. Centeno e
de Nuno Lobo Salgueiro
Com um desenho de Rosa Ramos

13. DAS TORRES AO MAR
Conto por MÁRIO CLÁUDIO
Com um retrato do autor por José Rodrigues

14. CADERNO DE OLHARES
VASCO GRAÇA MOURA
Textos sobre alguns artistas plásticos
Com um retrato do autor por Armando Alves

15. DISCURSO PARA OS GRANDES DIAS DE
UM JOVEM CHAMADO PABLO PICASSO
DE LOUIS ARAGON E OUTROS POEMAS
DE PABLO NERUDA E DE RAFAEL ALBERTI
Traduções de Luiza Neto Jorge e de
José Bento
Com um desenho de
José Rodrigues

16. SETE ODES E TRÊS SONETOS DE
FREI LUIS DE LEÓN E DEZOITO
SONETOS DE LUIS DE GÓNGORA
Traduzidos por José Bento
Com um desenho de Ângelo de Sousa

17. QUATRO HORAS EM CHATILA
DE JEAN GENET
Tradução de Luiza Neto Jorge
Com um desenho de Jorge Pinheiro

a oiro do dia sucedeu à editorial inova
no seu trabalho incomparável
de dignificação da função editorial

JL — Jornal de Letras